

E o coração está em África

E o coração está em África –
Gustavo Tanus Cesário de Souza

Biografia do autor: Poeta. Doutorando em Estudos da Linguagem/Literatura Comparada (UFRN). Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG, Bacharel e Licenciado em Português e Bacharel em Edição por esta mesma universidade. Pesquisador e integrante da comissão editorial do literafro – portal da literatura afro-brasileira, Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA/UFMG). Cofundador e pesquisador do Moviola – grupo de pesquisas intersemióticas/intermédias: travessias entre Cinema, Literatura e outras áreas.

Resumo do texto: poema épico contemporâneo

Ao poeta santomense,
Francisco Tenreiro.

De coração em África
me exaspera ignorá-la
diante da certa imagem
estável e segura
de que raiz não perfura terra seca.
Decerto esta condição de África
(sou todo eu um defeito)
se põe aos outros
que, em bom recalque,
esqueceram a sua palavra e
se estabeleceram sádicos
em arranhar o giz do mesmo
ao quadro negro,
a que se escreve
um silêncio de
desconheço-te, África,
ignoro suas histórias,
não os reconheço irmãos,
nem estes estranhos batuques a que fazemos caricatura.
Tinge-se em cores burlescas,
que nos veste a ignorância
em que visto da mais galante estupidez e
fazendo críticas por suas condições gestadas pela cegueira sobre este nosso próprio quintal:
apenamo-nos por suas dores.
Decerto esta condição de África
(um todo defeito eu sou)

se põe aos outros
que em boa esquiwa,
desviam do vestígio,
apagam o sinal que lhes dá origem,
negam negam négo
até que se esqueça aquilo de que se nega.

De coração em África,
dois crimes:

não há sertão, o interior, o mato longe –
existe só beira (onde lhes parece mais seguro)
e os desertos de dores.

Deste contorno perimetral,
périplo a uma África qualquer,
de uma só paisagem, que mascara as de Sael,
que branqueia o Nilo,
e aniquila os corpos, história, cultura, tecnologias
bantas.

Logo vê das savanas, roças,
matos, ilhas,
entre as serras, o mar e as planícies,
objetos-peças coisas-mercadorias.

E se o coração está em África,
este desconforto que não se pronuncia,
porque não é permitido estar em África,
porque é desconhecido estar em África,
porque estar em África é afirmar que
não se está aqui
frustrado

por um desejo de estar, na metrópole, no reino.

E o coração está em África,

nesta África grotesca,

a ferro e fogo, criada pelo ocidente,

a traço e desenho, gestada por Europa,

a laço, grilhão,

África cuja imagem se forma pela ausência dos irmãos,

trazidos a navio e mantido presos,

[que não sou eu, por eles, os outros, não por mim, não por mim, não por mim...

E o coração está em África,

em desespero que não se soletra,

por estar no contorno raso da tela,

nos limites superficiais dos mapas.

Caminhos palmeados desde aqui,

sem sabê-los,

rumo profundo sulco destino,

da paleta de cores que brilham, África que escapa

aos tons primevos de

[uma veraz saudade sentida de coração em África.

Da travessia do seu corpo pelas beiradas,

faúla limite, fez volta contornou o périplo

orgulho de uma qualquer épica que

sem hesitar guiara à ação de devassá-la África,

escondendo sujeira da violência,

e sem alarde, violara

todos os povos

[de Benim, de Gabão, São Tomé, Angola, Moçambique, Congo...

E o coração está em África,
nesta África que guarda
escondida na terra
suas origens
e princípios
para depois das nossas guerras,
e que aqui ao peito segue indolente,
porque o inimigo,
pelo óleo negro, pelo brilho da pedra,
pela menga, inteligências,
se fez amigo e
convenceu de que eram irmãos,
de que não éramos irmãos, de que eram aliados,
[de que éramos rivais, e inimigos e amigos, aliados, irmãos...
Desta lida, deste engano certo, disto,
Impossível despir o juízo doente
Que põe cerca nas terras
muros entre pessoas,
e planta minas terrestres,
ornando lápides a emparedar as vivências.
A voz e pensamento certos,
certeiros, retornam, porque livres
unem-se ao estranhamento
causado por um descobrir
este diáfano e opaco véu colonial.
Minha voz e pensamento
Vão crescente, crescendo, a crescer em
desconheço-te, África,

conheço seus povos por bandeiras europeias
de serras e matos falseados,
e ignoro seus impérios e suas nações gloriosos,
a conhecer estados de monstro subdesenvolvido,
de outros que, acaso calçam-se cores da terra,
calcam pés numa ficção imposta;
Esmagariam, assim, as narrativas das circunstâncias,
hipocrisias e falta de caráter,
dadas por cláusulas de contratos

[aid for Africa.

África, pontos cardeais inomináveis,
de atlas esquecido,

[à propósito de olvido,

escorre américa trigueiras lágrimas escondidas
a duzentos, trezentos,
trezentos e cinquenta
quilômetros por hora de uma velocidade encoberta,
deixando-nos de coração a ficar mais só, mais só, tão só,
a sós em um mundo cândido repleto de próprios,
que não somos nós próprios, senão nós,
esses embaraços de unidades que impeçam a comunidade.
Corpo presente nesta América de banalidades cruéis
que flagelaram, primeiro a alma dos africanos,
por lhes retirar a terra, depois violaram as texturas;
forçando-os ao esquecimento;
e, na tentativa de abrandar o homesick,
a que banzo,
mataram a casa,

arrebentaram o muntuê,
açoitando corpos até que o espírito
 amainasse África, numa razão doente.

porque não foi permitido estar em África,
porque não foi permitido ser África,
estar em África não foi permitido,
não foi permitido, ser África.

Mas se o coração vem África,
bem imaginássemos ao mirar o céu
que tão logo haveria trânsito
correntes de vento que balouçassem a palha.

– Atotô, Tata.

42

E este sol de fé,
escaldante calor requeimante,
meiodia
que abrasa a terra e abraça o corpo.
Em África, zara tempo,
 tempo zara,
das cartas dos cadengue de Kilelemu,
redes que enlaçam,
aqui e lá,
ixí
duílo,
corações, pensamentos
momentos, histórias,
Salve o tempo de contemplá-la África
com a pele e o corpo,
de venturas

